

frente&verso

documentos periódicos de construção

ISSN 2182-8237

edifício escolar
Escola de Chaves
Nuno Brandão Costa

15

CI'AMH
CENTRO DE INOVAÇÃO
ARQUITECTURA
E MODOS DE HABITAR





editorial Carlos Nuno Lacerda Lopes

Bom para Obra

No panorama internacional da arquitetura ocidental temos vindo a assistir, nas últimas décadas a uma crescente atenção relativamente aos fenómenos inerentes à produção do projeto e da arquitetura. Uma espécie de grau zero inicial parecia ter tomado conta da literatura propagandística que muitas revistas, escolas e exposições foram apregoando um pouco por todo o mundo.

A ideia de que o olhar inicial “é” já arquitetura, que o primeiro desenho “é” o projeto e que a interpretação do programa “é” construção vem colocar em causa muitas das concepções e ideias fundadoras de uma arquitetura como algo entre a arte e a técnica, entre o homem e a comunidade, entre o passado e um ideal de futuro. Enfim um dialético exercício onde a construção e a utilização se discutem através do ato de projetar.

Mais próximo, nesta Europa que nos domina, o que temos vindo a assistir tem sido, não apenas a proliferação desta visão travestida com outros contornos e interesses, mas a procura da remissão da ideia de arquitetura centrada numa espécie de caligrafia reunida na expressão de um autor, porta-estandarte de estratégias políticas e económicas que estão muito para além da ingenuidade arquitetónica que apenas é utilizada como veículo de transmissão.

Assim se percebem alguns fenómenos que as estratégias comerciais dos *media* internacionais nos fazem “entrar olhos dentro”, pelo exagerado número de revistas e pelas iguais e múltiplas plataformas de comunicação e de negócio que promovem a produção e a vulgarização de ideias da arquitetura, como se de arquitetura se tratassem. De modo algum podemos pensar serem ingénuas ou sem

qualquer interesse associado, muitas destas promoções que tanto aparecem como desaparecem, algumas mesmo sem deixar qualquer obra.

A necessidade de atenção, espírito crítico e de análise sobre o que se vai divulgando e promovendo é fundamental para a arquitetura porque a condiciona certamente mas sobretudo para os alunos que estudam e aprendem os diferentes modos de pensar, estar e construir a Arquitetura na contemporaneidade. O tempo da arquitetura é hoje algo mais próximo da inquietação do que de sistematização (R. Moneo) e a produção resultante espelha cada vez mais a caótica aventura que Bruce Mau preconizava como tendência, há já um quarto de século, identificando a necessidade de restabelecer uma “espécie de honestidade e de clareza entre o arquiteto e o seu público” como se estrelas de música se tratassem e as obras meras composições ou concertos.

Talvez por isso acreditamos (ainda) numa arquitetura que se explica através da obra. De uma cultura civilizacional que lhe dá origem, dos processos construtivos, da sistematização e compreensão do uso dos materiais, das condicionantes do lugar e das responsabilidades que o arquiteto tem na criação desse novo lugar, da obra que não sendo capricho pessoal é um resultado de um pensamento e de toda uma interpretação que este realiza para a sociedade onde se insere e, acima de tudo, onde o arquiteto se inscreve.

De um certo modo fomos assistindo à valorização da ideia do “conceito”, da abstração, da imagem como justificativa para a criação e para a solução. Os tradicionais valores Vitruvianos que nos ligam a uma certa ideia de construção, tectónica, processos, materiais foram estas últimas décadas remetidas para um plano de subdesenvolvimento, algo primário e pouco esclarecedor, “intuitivo” diziam alguns seguidores da novidade.



Assim se compreendem algumas das grandes obras que se justificam pela incapacidade de qualquer justificação. Se a esta análise juntarmos o papel social da arquitetura que certas culturas ainda promovem e cultivam, em contraponto com o "mainstream" onde a arquitetura tende a ser entendida como um epifenómeno para-civilizacional, entre o espetáculo, a iconografia, a representatividade, a opulência, percebemos assim as "novas" estratégias, "diferentes" dinâmicas no modo de ver, de pensar, de tentar fazer e de ser arquitetura.

Contudo não há apenas uma verdade, uma visão hegemónica, uma só realidade. São vários os tempos sobrepostos que a contemporaneidade nos oferece e variadas são as expressões que a seu tempo os arquitetos constroem na conformação e no entendimento dessa mesma realidade que se transforma às nossas mãos.

Talvez por isso subsistem por outras realidades, tão legítimas quanto as primeiras, registos mais arcaicos, onde se verifica ainda a persistência e aposta no valor do projeto como um resultado de um processo de iteração entre uma encomenda, um lugar, um cliente, um programa e as pessoas que lhe darão uso. É de pessoas que esses edifícios nos falam e não de uma arquitetura ensimesmada. O projeto é, neste registo, um debate aberto entre opostos, entre o privado e o público, entre as diferentes áreas disciplinares e o arquiteto, entre o programa e o custo, entre a cidade e o edifício, entre o detalhe e o desejo de construção. No fundo, o projeto apresenta-se como um processo de resolução de vários e diversificados problemas: *"sem problemas, não consigo projetar"* – disse Siza.

Neste processo a arquitetura é matéria construída e não apenas intenção, ideia ou estratégia. Nem o desenho, nem a descrição, nem o projeto são aqui arquitetura. O projeto, neste contexto, tem apenas uma única finalidade: a construção.

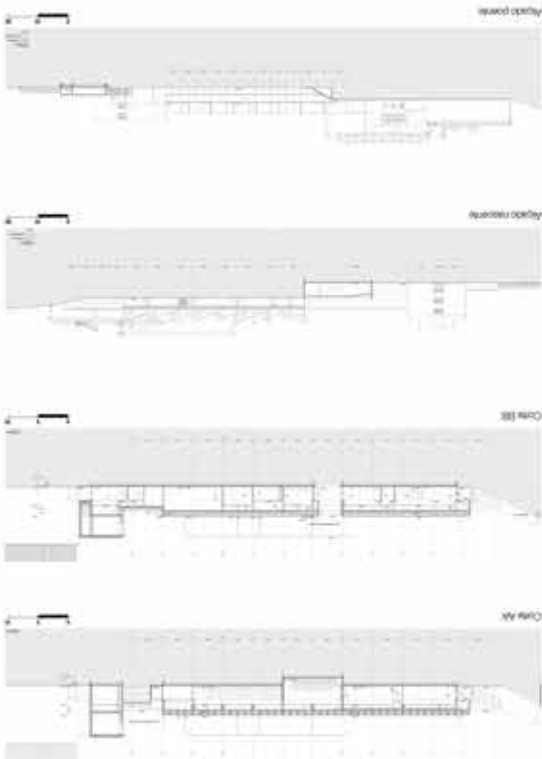
Os desenhos de um projeto, para uma qualquer construção, para um qualquer edifício não são, por isso, uma simples interpretação técnica do conceito, da abstração ou da imagem "escolhida" como representação. Talvez por isso, ainda é uma prática corrente a inexistência de qualquer separação (no processo de pensar e fazer a arquitetura) entre o projeto conceptual e o projeto de execução.

De facto a arquitetura é uma só, apesar dos intervenientes serem em cada vez maior número e as exigências técnicas, legais e regulamentares serem cada vez mais refinadas e, talvez, mais obsessivas.

Neste processo, raramente, os desenhos são suficientes para esclarecer e explicar o modo de fazer, a qualidade dos materiais, o tipo de argamassa a utilizar ou, até, o faseamento e os tempos necessários a uma qualquer aplicação. Em arquitetura, o desenho tem como objetivo esclarecer e informar com rigor o que se pretende edificar. Por isso tem escalas, eixos, níveis, cotas, textos, números e chamadas de atenção. Raramente são "fotogénicos", não pretendem impressionar, antes construir.

A publicação de uma folha, de um projeto de execução da Escola de Chaves que Nuno Brandão Costa projetou em 2009, é exemplo desta visão e da complexidade que a construção hoje integra e que o arquiteto tem de validar e esclarecer: desde a conceção e desenho da estrutura ao desenho da sapata; da representação e compromisso com a escolha do material e acabamento exterior ao isolamento térmico interior; do sistema de drenagem à composição das paredes do modo de reabilitar um edifício existente ao modo de integrar o novo.

O projeto é, neste sentido, esse particular desejo de inteligência e o desenho é apenas bom, se for para a obra!



Assim se compreendem algumas das grandes obras que se justificam pela incapacidade de qualquer justificação. Se a esta análise juntarmos o papel social da arquitetura que certas culturas ainda promovem e cultivam, em contraponto com o "maiestreem" da arquitetura tende a ser entendida como um apêndice para-civilizacional, entre o espetáculo, a iconografia, e representatividade, a qualifica, percebemos assim as "novas" estratégias, "diferentes" dinâmicas no modo de ver, de pensar, de sentir, fazer e de ser arquitetura.

Contudo não há apenas uma verdade, uma visão hegemônica, uma só realidade. São vários os tempos sobrepostos que a contemporaneidade nos oferece e variadas são as expressões que a seu tempo, as arquiteturas constroem na conformação e no entendimento dessa mesma realidade que se transforma às nossas mãos.

Porém por isso subsistem por outras realidades, são legítimas quanto as primeiras, registros mais arcaicos, onde se verifica ainda a persistência e aposta no valor do projeto como um resultado de um processo de iteração entre uma encomenda, um lugar, um cliente, um programa e as pessoas que lhe dão uso. É de pessoas que essas edificações nos falam e não de uma arquitetura anônima. O projeto é, neste registro, um debate aberto entre o privado e o público, entre as diferentes áreas disciplinares, a o arquiteto, entre o programa e o custo, entre a cidade e o edifício, entre o detalhe e o desenho de construção. No fundo, o projeto apresenta-se como um processo de resolução de valores e diversificados problemas: "sem problemas, não consigo projetar" – disse Siza.

Neste processo a arquitetura é matéria construída e não apenas intenção, ideia ou estratégia. Nem o desenho, nem a descrição, nem o projeto são aqui equivalentes. O projeto, neste contexto, tem apenas uma única finalidade: a construção.

Os desenhos de um projeto, para uma qualquer construção, para um qualquer edifício não são, por isso, uma simples interpretação técnica do conceito, da abstração ou da imagem "escolhida" como representação. Talvez por isso, ainda é uma prática corrente a insistência de qualquer separação (no processo de pensar e fazer a arquitetura) entre o projeto conceptual e o projeto de execução.

De facto a arquitetura é uma só, apesar dos intervenientes serem em cada vez maior número e as exigências técnicas, legais e regulamentares serem cada vez mais refinadas e, talvez, mais obscuras. Neste processo, certamente, os desenhos são suficientes para esclarecer e explicar o modo de fazer, a qualidade dos materiais, o tipo de argamassa a utilizar ou, até, o fechamento e os tempos necessários a uma qualquer aplicação. Em arquitetura, o desenho tem como objetivo esclarecer e informar com rigor o que se pretende edificar. Por isso tem escalas, eixos, níveis, cotas, texturas, números e chamadas de atenção. Finalmente são "fotográficas", não pretendem impressionar, antes constatar.

A publicação de uma folha, de um projeto de execução da Escola das Chaves, que Nuno Brandão Costa projetou em 2009, é exemplo desta visão e da complexidade que a construção hoje integra e que o arquiteto tem de validar e esclarecer, desde a concepção e desenho da estrutura ao desenho da sapata, da representação e compromisso com a escolha do material e acabamento exterior ao isolamento térmico interior, do sistema de drenagem à composição das paredes do modo de realisar um edifício existente ao modo de integrar o novo.

O projeto é, neste sentido, esse particular desajo de inteligência e o desenho é apenas bom, se for para a obra!

ELEVADORES

Elevador modificou a arquitectura. É a arquitectura por sua vez inspirou-nos a criar um design inovador. Claro na forma e na função. Qualidade máxima para uma arquitectura exigente.



S+
SCHMITT + SOHN
ELEVADORES

documentos periódicos de construção
frente&verso

edifício escolar
Escola de Chaves
Nuno Brandão Costa

15

CIAMH
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO
E ARQUITECTURA
A ESCOLA DE VISEU



editorial Carlos Nuno Lacerda Lopes
Bom para Obra

No panorama internacional da arquitetura ocidental temos vindo a assistir, nas últimas décadas a uma crescente atenção relativamente aos fenómenos inerentes à produção do projeto e da arquitetura. Uma espécie de grau zero inicial parecia ter tomado conta da literatura propagandística que muitas revistas, escolas e exposições foram agregando um pouco por todo o mundo.

A ideia de que o olhar inicial "é" já arquitetura, que o primeiro desenho "é" o projeto e que a interpretação do programa "é" a construção vem colocar em causa muitas das convicções e ideias fundadoras de uma arquitetura como algo entre a arte e a técnica, entre o homem e a comunidade, entre o passado e um ideal de futuro. Enfim um dialético exercício onde a construção e a utilização se discutem através do ato de projetar.

Mais próximo, nesta Europa que nos domina, o que temos vindo a assistir tem sido, não apenas a polifonia desta visão travessada com outros contornos e interesses, mas a procura da renovação da ideia de arquitetura contrada numa espécie de cartografia nua e crua na expressão de um autor, porta-estandarte de estratégias políticas e económicas que estão muito para além da ingenuidade arquitectónica que apenas a utilização como veículo de transmissão.

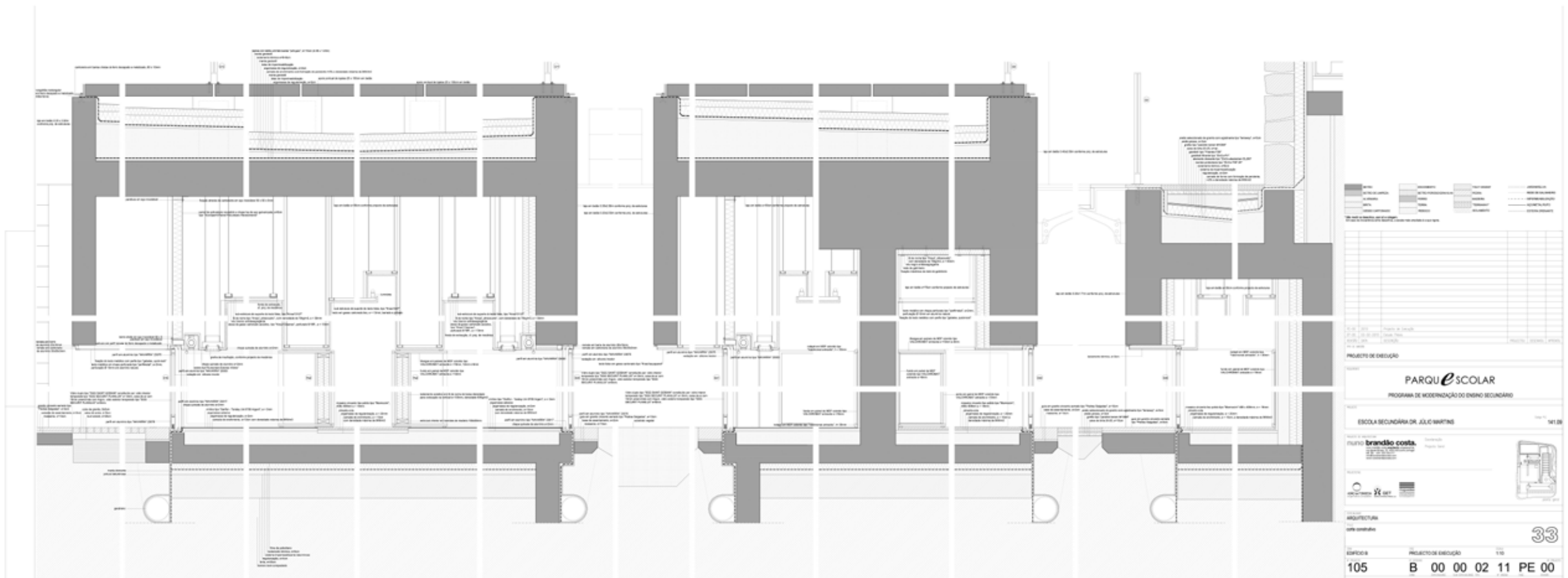
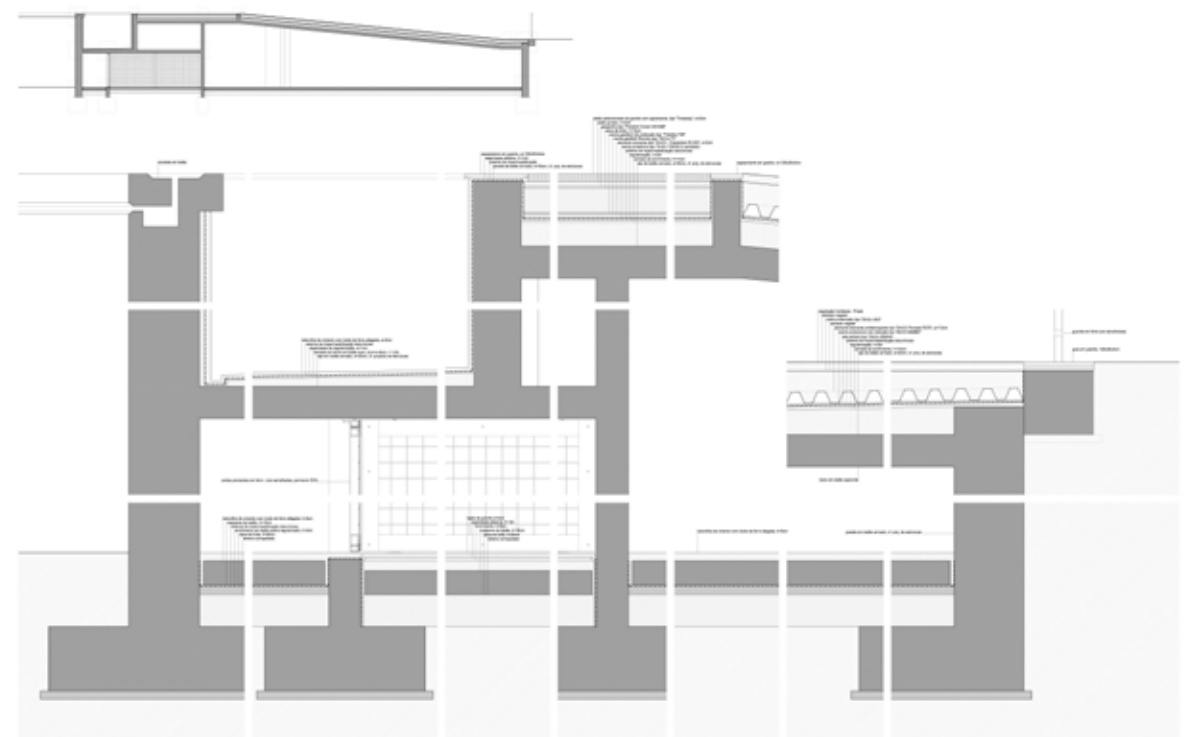
Assim se percebem alguns fenómenos que as estratégias comerciais das media internacionais nos fazem "ver" entre os dentes", pelo exagerado número de revistas e pelas suas e múltiplas plataformas de comunicação e de negócio que promovem a produção e a divulgação de ideias da arquitetura, como se de arquitetura se tratasse. De modo algum podemos pensar serem ingenuos ou sem

qualquer interesse associado, muitas destas promoções que tanto aparecem como desaparecem, algumas mesmo sem deixar qualquer obra.

A necessidade de atenção, espírito crítico e de análise sobre o que se vai divulgando e promovendo é fundamental para a arquitetura porque a condiciona certamente mas sobretudo para os alunos que estudam e aprendem os diferentes modos de pensar, estar e construir a arquitetura na contemporaneidade. O tempo da arquitetura é hoje algo mais próximo da inquietação do que de sistematização (cf. Monser) e a produção resultante espelha cada vez mais a rápida aventura que Nuno Mau preconiza como tendência, há já um quarto de século, identificando a necessidade de estabelecer uma "espécie de honestidade e de clareza entre o arquiteto e o seu público" como se estrelas de música se tratasse e as obras menos composições ou concertos.

Talvez por isso acreditamos (ainda) numa arquitetura que se espica através da obra. De uma cultura civilizacional que lhe dá origem, dos processos construtivos, da sistematização e compreensão do uso dos materiais, das condicionantes do lugar e das responsabilidades que o arquiteto tem na criação desses novos lugares, da obra que não sendo capricho pessoal é um resultado de um pensamento e de toda uma interpretação que este realiza para a sociedade onde se insere e, acima de tudo, onde o arquiteto se insere.

De um certo modo fomos assistindo à valorização da ideia do "conceito", da abstração, da imagem como justificativa para a criação e para a solução. Os tradicionais valores Vitruvianos que nos ligam a uma certa ideia de construção, técnica, processos, materiais foram estas últimas décadas ramiadas para um plano de auto-desenvolvimento, algo próximo a um pouco escarapador, "intuitivo" dizem alguns seguidores da novidade.





SCHMITT+SOHN
ELEVADORES

ELEVADORES

O elevador modificou a arquitectura. E a arquitectura por sua vez inspirou-nos a criar um design inovador. Claro na forma e na função. Qualidade máxima para uma arquitectura exigente.



www.schmitt-elevadores.com



U. PORTO

UNIVERSIDADE
DO PORTO
FACULDADE
DE ARQUITECTURA

CENTRO
DE ESTUDOS
DE ARQUITECTURA
E URBANISMO
CEAU

CENTRO
DE INOVAÇÃO
ARQUITECTURA
E MODOS
DE HABITAR
CIAMH

Edições CIAMH - Centro de Inovação em
Arquitectura e Modos de Habitar
Via Panorâmica S/N, 4150-755 Porto PORTUGAL
www.arq.up.pt | (+351) 226 057 100
ciamh@sup@gmail.com

Coordenação Editorial Nuno Lacerda Lopes
Impressão Gráfica S. Miguel, Lda.
Fotografia Arménio Teixeira | Arquivo do autor
Todos os direitos reservados © CIAMH e autores
ISSN 2182-8237



CIAMH

COMPETE

QUADRO
DE REFERÊNCIA
ESTRATÉGICO
NACIONAL
PORTUGAL 2020-2027



FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia